



Eugênio Benito Júnior

Os dois lados do Mediterrâneo

tao



Eugênio Benito Júnior

OS DOIS
LADOS DO
MEDITERRÂNEO

Os dois lados do Mediterrâneo
© 2021 Eugênio Benito Júnior
© TAO Editora

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenação editorial Jonatas Eliakim
Produção editorial Lidiane Gonçalves
Diagramação Negrito Produção Editorial
Revisão de texto Maurício Katayama
Capa Laércio Flenic
Imagem da capa iStockphoto



Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
contato@taoeditora.com.br
www.taoeditora.com.br

Benito Júnior, Eugênio
Os dois lados do mediterrâneo / Eugênio
Benito Júnior. – 1. ed. – São Paulo : TAO, 2021.
172 p.

Segundo Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de
2009.

Bibliografia
ISBN 978-65-5506-135-2 (impresso)
ISBN 978-65-5506-136-9 (eletrônico)

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios, sem autorização
escrita da Editora.

1. Ficção brasileira. 2. Argélia – Ficção.
I. Título

21-4526 CDD B869.1

Todos os direitos reservados pela Tao
Editora.

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira

Conteúdo

Prefácio	9
1. O restaurante H	11
2. Angel Bear	17
3. Annaba	25
4. A caixa	29
5. Haris Abdellaoui	33
6. Qaryush Tajin	37
7. Eros e Psiquê	41
8. Apuleio	47
9. O Testamento	53
10. O presente de Marie	59
11. A Escolha	65
12. Maweid	71
13. O psicanalista gago	75
14. Egmont	81
15. A minha pedra	89
16. O Mar Vermelho	97
17. A desmedida Oran	105
18. Mon chou	113
19. O urso polar	121
20. Imagine	129
21. Qu'est-ce que c'est la Geographie?	139
22. Mare Nostrum	151
23. Tout va bien	163
24. Sete graus e meio de longitude	167

Prefácio

A racionalidade das ciências exatas frequentemente teve um lugar de destaque em casa. Assim como meu pai, o natural para mim foi seguir a direção da aplicação da matemática, da lógica e da física, por meio da engenharia. Um outro aspecto que posso somar a essa referência paterna é a tecnologia. Dado que ao longo da minha infância e adolescência passamos pela rápida evolução dos computadores pessoais, da internet e dos celulares, o entendimento primordial do funcionamento dessas ferramentas também veio por meio dele.

Ao ler este livro, esta característica de racionalidade acompanhada do ceticismo me chamou a atenção em alguns momentos.

Um valor sempre presente na nossa casa era o prazer de aprender coisas novas. Um valor que foi naturalmente desenvolvido por meu pai e minha mãe com a frequente presença de livros, música popular e clássica, artes, e pela exploração de jogos que desenvolvem a lógica e a cultura geral. Ao mesmo tempo que meu pai demonstrava muita alegria ao me ver seguir o caminho da engenharia, também me apoiava na aventura de comprar um teclado e formar uma banda.

Conhecer novos lugares, novas culturas, viagens a trabalho e a lazer também fizeram parte desta formação, seja viajando junto ou compartilhando as suas percepções por meio de cartões-postais dos mais diversos locais.

Como diz a frase de um músico brasileiro que teve carreira meteórica nos anos 90: “Há fronteiras nos jardins da razão”. Tenho a impressão de que sempre achei essa frase natural e verdadeira. Questões que provocam nossa curiosidade nas proximidades dessa fronteira normalmente passam pelo autoconhecimento. Como explorar e compreender os limites desse jardim? Como entender a relação entre inteligência, memória e vontade? Entre o consciente e o inconsciente? Entre o amor e a alma?

No seu quinto livro, Benito mostra sua inquietação com essas e outras questões. Sua insatisfação consigo mesmo, sua vontade de continuar se desenvolvendo por meio da psicanálise, da fé, da filosofia e da interpretação dos mitos. Como racionalizar e discutir as questões menos lineares, lógicas diferentes da exatidão matemática?

O autor se coloca como personagem principal de uma trama misteriosa em solo argelino. É uma ficção recheada de autobiografia, na qual o protagonista genialmente reflete sobre eventos de sua vida. Navega por meio do Mar Mediterrâneo, passeando por locais conhecidos e terras inexploradas que decide enfrentar. Como costuma fazer em seus livros, consegue nos conduzir com leveza por discussões profundas, temperando tudo com um toque de gastronomia.

Neste romance o autor resgata elementos de seu primeiro livro, *A Oferta de Afrodite*, e reencontra as suas personagens, que desta vez trazem algumas surpresas. Traz referências que são familiares para aqueles que leram sua obra anterior e uma surpresa agradável a quem o está conhecendo. As ofertas divinas da mitologia grega também são reeditadas, mas nesta versão é o personagem-autor que precisa decidir qual caminho escolher.

Ao ler este livro, me chamou a atenção a presença de uma vontade de continuar aprendendo sempre e a humildade de saber questionar as suas próprias convicções. Combinando momentos emocionantes e reflexões esclarecedoras, Benito mostra também a maturidade da sua própria relação com a literatura.

GUILHERME SEWAYBRICKER BENITO

I. O restaurante H

Minha esposa Marie tem um inacreditável dom para encontrar bons restaurantes. De tão inusitada essa habilidade, eu, numa curiosa mistura de orgulho por conviver com alguém assim e dor de cotovelo por não ter esse talento, acabei fingindo que não valorizava essa característica e tenho tentado lidar com o assunto como se fosse algo corriqueiro.

Depois da escolha do local e de provar as iguarias oferecidas, parece óbvio que aquela teria sido a melhor escolha. Isso varia de restaurantes baratos e simples até lugares sofisticados e caros. Felizmente, essa premonição, ultimamente, tem privilegiado os lugares pitorescos e acessíveis ao nosso bolso. Esse fato é quase uma lenda familiar e só teria interesse nesse contexto, não fosse um incrível desdobramento proporcionado por ele e que deu origem à história que se segue.

Uma vez, em Itacaré, na Bahia, depois de eu ter escolhido uma pizzaria para jantar, Marie descobriu o restaurante da Tia Dete, uma portinha pela qual eu tinha passado direto. Tia Dete me fez provar a melhor moqueca de robalo da minha vida: o dendê no ponto e um pirão magnífico. “Bom, aqui é fácil” – pensei eu, reencarnando a raposa da famosa fábula de Esopo – “perto do mar todos os restaurantes são bons”. Rodamos Itacaré, o que não é exatamente muito trabalhoso, e não encontramos nada parecido. Tentei mais tarde em outras cidades de praia e nada.

Outra vez, na Sicília, eu já havia pesquisado antes e levado comigo a dica de uma *trattoria* em Petralia Soprana – La Rosa nel Borgo –, mas ela achou uma padaria que nem placa na porta tinha, pelo cheiro de canela que sentiu no ar. Foi seguindo o cheiro e eu a fui seguindo, com aquela sensação de que algo maravilhoso iria acontecer. E aconteceu: comemos um biscoito de canela saborosíssimo. Quando entramos na padaria, a conversa parou e todos os clientes nos olha-

vam com curiosidade, talvez pensando: o que será que essa dupla de estrangeiros veio fazer nesse lugar perdido? Um dos sicilianos presentes se arriscou e veio puxar uma conversa. Ao aproximar-se da gente, olhou-nos atentamente, como se estivesse fazendo uma avaliação final, e mandou um sonoro *bonjour*. Ficamos com cara de quem está pedindo explicação: alguém falando francês na Sicília? Respondi com outro *bonjour*, meio sem jeito, e ele comemorou com os amigos: “não falei que eram franceses?”. O pai de Marie era francês e a mãe brasileira, mas o siciliano não poderia ter adivinhado isso. Entrei, então, na conversa falando que éramos, na verdade, brasileiros, o que causou um tumulto ainda maior. Qualquer coisinha na Itália cria reações exageradas. E a conversa logo convergiu para o futebol, tão adorado na Itália como no Brasil. Depois de mais alguns *biscotti alla cannella* e umas xícaras de café expresso, saímos de lá com uma incrível sensação de pertinência.

Tenho sido devoto ao deus que cria e abençoa essas pequenas coisas e me divirto com o desenvolvimento desse mito familiar. Aprendi a lidar com mitos depois que deixei de lado minha carreira na engenharia e me dediquei a escrever livros. *O mito é o nada que é tudo*, já ensinava Fernando Pessoa. Quando viajava para estúgios e congressos fora do Brasil, comecei a prestar cada vez mais atenção nas características locais, no jeito de levar a vida e nos valores culturais de cada povo. Desde a aflição capitalista dos americanos, passando pelo pragmatismo alemão até a *siesta* espanhola e os largos gestos italianos tinha sido uma viagem e tanto. Essas características tinha reflexos importantes nas relações comerciais, na culinária e no jeito como esses povos construíam seus cotidianos. Pouco a pouco os *papers* sobre assuntos técnicos foram dando lugar aos relatos sobre os mitos que regiam cada cultura. A possibilidade de escrever já se esgueirava pelas minhas folhas em branco, mas eu nunca me dei totalmente conta disso até o dia em que percebi uma história inteira em mim, com muita ficção, muita realidade e uma frenética dança de personagens querendo sair da minha mente para habitar as folhas vazias à minha frente.

Os seis personagens principais do meu primeiro livro me encostaram na parede e cobraram: “E aí? Cadê o texto?”.

Equilibrando-me entre a força centrífuga do universo infinito das coisas em que pensava e a força centrípeta necessária para confinar esse universo a uma limitada coleção de páginas, comecei a escrever sobre a metáfora que é uma guerra.

Escrevi um livro sobre uma passagem do mito que originou a Guerra de Troia, a mitológica cidade que sacudiu o mundo por causa de uma paixão. Páris, filho do rei Príamo de Troia, fora escolhido como juiz de uma contenda provocada pela ninfa Discórdia. Páris precisava escolher quem era a deusa mais bonita – Hera, Palas Atena ou Afrodite, todas belíssimas, vaidosas e vingativas. Todas as três resolveram fazer um *lobby* de sua candidatura à deusa mais bela e, para serem escolhidas, ofereceram presentes valiosíssimos a Páris. Estavam presentes os ingredientes para conseguir duas inimigas.

A manipuladora Hera, esposa de Zeus, achava que os fins justificavam os meios. Era notória pela fecundidade provada e comprovada, o que lhe dava um poder materno excepcional e dominador. Prometeu a Páris todo o Império da Ásia se fosse ela a escolhida como a mais bela das deusas.

Palas Atena, a Minerva dos romanos, era a deusa da sabedoria, filha predileta de Zeus, inteligentíssima, atribuía apenas à razão a resolução de todos os conflitos. Propôs a Páris uma sabedoria infinita e lhe assegurou a vitória em todos os combates que travasse na vida, se fosse ela a escolhida como a mais bela deusa do Olimpo.

Finalmente, Afrodite, deusa do amor e da paixão, prometeu a Páris apenas isso – o amor e a paixão, duas forças devastadoras – e propôs que isso se concretizasse com o amor da mais bela mortal do mundo, a rainha Helena.

Entre o poder material que emanava da oferta da Hera, o excepcional domínio da razão oferecido por Palas Atena e a possibilidade de viver uma grande paixão, Páris ficou definitivamente com a oferta de Afrodite. Porém um detalhe impedia a concretização desse amor entre a rainha Helena e Páris: ela era casada com o grego Menelau, rei de Esparta. O rapto de Helena pelo troiano Páris fez com que a Guerra de Troia começasse.

Minha tarefa fora então desvendar esse mito mostrando os desdobramentos de quem ousasse se apaixonar. Pouco a pouco os mitos foram naturalmente fazendo parte da minha vida, que percebi ser um contínuo equilíbrio entre metáforas.

Foi assim, creio, tropeçando entre um desejo e outro, que classifiquei como mito essa mágica caseira da arte da escolha dos restaurantes que encontrávamos nas viagens.

Como gostamos muito de viajar, esse poder mítico tem nos ajudado bastante em locais onde não se conhece tanta coisa. Minha esposa checa o local candidato, que nem sei como virou candidato, com aquele olhar de quem está processando tudo, e profere o veredito: “É este”. Já tentei o método: copio uma lista de lugares possíveis, passo em frente deles, olho com um olhar de expert e escolho com as mesmas palavras mágicas: “É este”. Consegui patrocinar, assim, as maiores tragédias culinárias das nossas experiências como viajantes.

Neste verão, fomos visitar nossa filha que mora em Dublin e tudo aconteceu como se esperava – até nos pubs irlandeses esse poder de minha esposa funcionava. Conhecemos lugares divertidos, com ótima comida e música alegre. Na Irlanda é fácil, menosprezei eu, mas não me arrisquei a escolher nada, a não ser aquela magnífica cerveja escura que eles fazem, mas aí é realmente fácil. Só conseguimos voar de volta para casa saindo de Paris, o que seria um excelente lugar para colocar em prática, mais uma vez, essa habilidade dela. Estava ansioso por isso, mas dessa vez Marie exagerou, quando escolheu o Restaurante H, no Marais, na rua Jean Beausire, uma rua-zinha estreita entre a Place des Vosges e a Praça da Bastilha. E foi lá que tudo começou.

Dessa vez, a escolha foi um pouco cara, mas o que aconteceu lá não tem preço. O restaurante é pequeno, com um cardápio incommum e uma dificuldade enorme em conseguir uma reserva entre as dez mesas disponíveis. Como o nosso hotel era perto, passamos por lá por volta das dez horas da manhã para conversar direto com o *staff* da casa. Enquanto conversávamos com quem nos atendeu e que se desmanchava em desculpas por não poder garantir uma reserva, outro cliente telefonou cancelando a reserva que havia feito para aquela

noite. Pronto, tínhamos uma mesa agora. Não nos demos conta na hora, mas a mágica já estava começando.

No fim da tarde, depois de passar o dia no Louvre, eu ainda tinha na mente a leveza de algumas toneladas do mármore esculpido por Antônio Canova para descrever a paixão de Eros por Psiquê, uma história de amor que me intrigava mais do que eu conseguia entender.

Voltamos ao hotel para nos aprontarmos para o jantar de despedida da viagem à Europa. Eu sabia que iria ser bom porque a escolha do restaurante havia sido feita por uma perita no assunto, mas o que encontramos lá foi surpreendente. Logo ao chegar, o mesmo ambiente que havíamos visto pela manhã, agora arrumado para a noite, estava lindo. O restaurante estava repleto de clientes envolvidos com suas escolhas e numa mesa grande, redonda, três casais nos olhavam insistentemente. Num primeiro momento, eu tive a impressão de conhecê-los, mas isso era impossível: como eu poderia conhecer aquelas seis pessoas que tiveram a mesma ideia que Marie e eu tivemos de jantar num bistrô francês no Marais? Nossa mesa, pequena, de dois lugares, foi reservada ao lado da mesa redonda com os três casais e, assim que o *maitre* nos deixou às voltas com o cardápio, uma das moças da mesa redonda, a mais bonita de todas, morena com lindos olhos verdes, me chamou pelo nome e disse, no mais perfeito francês: “*Enfin, vous êtes arrivés*”.



Como diz o verso de um músico brasileiro que teve carreira meteórica nos anos 90: “Há fronteiras nos jardins da razão”. Tenho a impressão de que sempre achei essa frase natural e verdadeira. Questões que provocam nossa curiosidade nas proximidades dessa fronteira normalmente passam pelo autoconhecimento. Como explorar e compreender os limites desse jardim? Como entender a relação entre inteligência, memória e vontade? Entre o consciente e o inconsciente? Entre o amor e a alma?

Benito manifesta sua inquietação com esses e outros temas, discutindo questões menos lineares, e se vale de lógicas diferentes da exatidão matemática para obter respostas.

Este livro chama a atenção pela presença de uma vontade de continuar aprendendo sempre e pela humildade de saber questionar suas próprias convicções. Combinando momentos emocionantes e reflexões esclarecedoras, Benito mostra também a maturidade da sua própria relação com a literatura.

Guilherme Sewaybricker Benito



www.taeditora.com.br

tao




Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Os Dois Lados do Mediterrâneo

Eugênio Benito Júnior

ISBN: 9786555061352

Páginas: 172

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
